

PREFÁCIO

Numa época de tanta teorização em torno da História, uma teorização que, no mais das vezes, não leva a nada, mas esconde muita coisa, há de parecer surpreendente a publicação de um livro como este, tão singelo, tão desvestido de teorias, e que apenas apela para o passado, procurando fazer uma história como ela realmente foi e não como a autora gostaria que tivesse sido. A tarefa não lhe foi fácil. Quando tive o privilégio de ler seu trabalho, ainda nos originais, fiz-lhe ver, entre outras coisas, que o título primeiramente escolhido (“Considerações sobre o pensamento político de Silva Jardim”) talvez não fosse o mais adequado, pois o livro demonstrava mais uma **ação** política do que propriamente um **pensamento** político. Daí, o título que, por fim, lhe foi dado. Ponderou-me a autora que a ausência de um pensamento político é quase uma constante de nossa vida cultural. Avesso à teorização e à reflexão, nossos homens públicos preferiram sempre traduzir as idéias através da ação. E além do mais, seria quase impossível pretender num país com a nossa formação histórica um pensamento político (ou de qualquer outra natureza) que fosse original ou então visasse apenas à pura teoria política. Não temos um pensador político que não fosse, ele próprio, político e político militante. Neste particular, a história da cultura brasileira distingue-se substancialmente da de outros povos, nos quais encontramos o pensamento desinteressado, não vinculado diretamente à participação do “pensador” na vida ativa da nação.

Assim, propôs-se a autora ao estudo de um pensador militante, cujas idéias refletiam-se, antes de tudo, nos seus atos. E com todas as contradições, reais ou aparentes, que o problema Silva Jardim poderia oferecer aos estudiosos brasileiros. Por exemplo, não parece fácil, à primeira vista, explicar o positivismo de Silva Jardim, dada a sua formação acentuadamente liberal. O positivismo, de fato, apareceu-lhe quando sua formação mental já estava praticamente definida e a impressão que se tem é que, nele, o positivismo foi-lhe simplesmente “aposto”, mas sem eliminar o substrato básico de seu liberalismo. Talvez por isto ele possa ser considerado o mais liberal dos positivistas brasileiros, numa atitude longe de ser constante nos seus irmãos de credo, tanto dos que militaram na política, como Júlio de Castilhos, como dos que foram apenas teóricos, como Teixeira Mendes ou Miguel de Lemos.

Outros problemas teve a autora que enfrentar para a boa caracterização do seu “pensador”. Um deles, a atitude do biografado diante do que chamo o “Problema Isabel”. Sim, este “problema Isabel” é muito mais importante do que se pensa, como condicionante de atitudes. Chego quase a duvidar se Silva Jardim seria republicano se não existisse o “Pro-

blema Isabel". Aparecia-lhe como monstruoso fantasma o fato de ser a princesa herdeira casada com um príncipe francês, em cujas mãos poderia, a seu ver, o governo no Brasil vir a cair um dia. Isto explica seu anti-orleanismo, sua ojeriza ao Conde d'Eu. Conseqüentemente — e também lamentavelmente — isto faz com que haja em Silva Jardim muito mais preocupação de atacar a monarquia, do que propriamente defender a República. E é preciso ponderar que, nem sempre, as críticas ou ataques à monarquia, tal como ela existia entre nós, implicava necessariamente em republicanismo. Fosse assim, não se explicaria que a monarquia durasse tanto tempo, pois críticas e ataques a ela surgiram desde a sua instauração, praticamente desde a Independência. A autora, com toda a razão, explica as atitudes de seu biografado, ou, melhor dizendo, explica a maneira-de-ser de seu republicanismo pela necessidade de uma "bandeira", da mesma forma que os demais propagandistas precisaram de outras bandeiras: a federação, a separação da Igreja do Estado, o casamento civil, etc.. Acontece que todas essas causas poderiam ser defendidas e alcançadas sem necessidade de uma mudança do regime, enquanto que o afastamento dos herdeiros do trono, para Silva Jardim, seria condição essencial para que a República fosse proclamada. Este apego de Silva Jardim ao "Problema Isabel" (como se não existisse coisa mais importante a ser pleiteada e defendida) e no qual ele "martela" com tanta insistência, longe de negar seu republicanismo, apenas o reforça: ele via na família real (não tanto nos Imperadores, mas nos herdeiros do trono) o principal obstáculo à República. E no seu entender, talvez fosse este o aspecto que mais poderia interessar aos povos nos seus **meetings**, pois o povo, em comícios (é a lição de sempre) não gosta de cousas construtivas: gosta de ataques, especialmente quando se pode dar a eles uma certa dose de ironia, de sarcasmo, de sátira. E isto Silva Jardim sabia fazer à maravilha... Eis porque, ao contrário dos demais propagandistas, sua pregação não era feita em clubes ou círculos fechados, mas em **meetings** abertos, para o povo, onde seria inútil insistir na apresentação de idéias, conceitos ou fórmulas.

Outro aspecto que a autora procurou enfocar em seu trabalho é a posição de Silva Jardim ante outros propagandistas. Seu radicalismo (de Silva Jardim) certamente explica porque não foi muito bem visto pelos "outros". Muitos dos grandes propagandistas da República eram homens vinculados às classes dominantes, especialmente à classe agrária. Não tinham interesse em processos de mudança, pouco além de um simples rótulo. E os próprios bacharéis não vinculados à propriedade territorial eram homens acomodados e conformados com a situação. Eis porque, para citar apenas um exemplo, os republicanos custam muito

a se definir com relação ao problema da escravidão. O manifesto de 1870, certamente por precaução, não toca no assunto. Os republicanos paulistas, numa reunião preparatória do que veio a ser a Convenção de Itu, realizada em casa de Américo Brasiliense, na capital, chegam a mandar uma nota aos jornais afirmando que eles não eram abolicionistas... e isto simplesmente porque um jornal qualquer aventara apenas a hipótese deles também combaterem a escravidão ! Sabe-se o quanto isto desagradou ao grande Luís Gama, que passou a detestar os republicanos. Foi só quinze ou dezesseis anos mais tarde que os republicanos começaram a se declarar pela abolição... quando viram que o regime servil já estava com seus dias contados ! Compare-se manifesto de 1870 com os posteriores, que periodicamente vão aparecendo ao ensejo de congressos ou convenções do Partido Republicano, muitos deles transcritos no valioso livro do Professor Reynaldo Carneiro Pessoa, **A idéia republicana no Brasil, através dos documentos**. Os republicanos, esta a verdade, precisavam do apoio dos fazendeiros, portanto não iriam contrariá-los em seus interesses, basicamente apoiados na escravidão. Silva Jardim, porém, não tem compromissos com a classe agrária. Ele pode, portanto, pensar em mudanças mais radicais que as pregadas pelos outros propagandistas. Mas foram estes "outros" que acabaram fazendo a República e não Silva Jardim. Daí o seu descontentamento, pois, desiludido, vivia a dizer que "não era esta a República dos seus sonhos".

Infelizmente, falou a Silva Jardim dizer qual seria a República dos seus sonhos. Vivendo muito pouco tempo, sem ter tido oportunidade de fazer madurar suas idéias, como outros o fizeram, ou, pelo menos, vê-las como se comportariam na prática, ficou, de fato, em Silva Jardim, um vazio, algo sobre o qual ninguém, honestamente, poderá escrever. A não ser que deseje, como é tão comum, atribuir-lhe idéias ou conceitos próprios de quem sobre ele escrever. Deste mal soube livrar-se a autora. O Silva Jardim que Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci nos apresenta, é o Silva Jardim que de fato existiu e não o Silva Jardim que ela, talvez, gostasse que ele fosse, sem a visualização heróica ou romântica que muitos lhe conferem. Creio que só por isto, ainda que outros méritos não houvesse, seu livro merece ser lido.

O fato de o presente trabalho ter permanecido inédito por mais de dez anos de modo algum o desatualizou, pois nada apareceu, nesse lapso de tempo, que levasse a autora a modificar os conceitos aqui expendidos ou os parâmetros que utilizou para avaliação do pensamento e da ação do grande propagandista. Um autor que, há pouco, dele se ocupou, qualificou-o de "esquecido"¹. Talvez algumas das circunstâncias acima assinaladas explique embora não justifique este esquecimento. Aliás, o problema não ocorre apenas com Silva Jardim. No olvido caíram quase todos

(1) Leite, A. Roberto de Paula — *Silva Jardim, o esquecido*. São Paulo, Pannartz, 1984.

os propagandistas da República, lembrados hoje apenas nos clássicos retângulos azuis denominadores de vias públicas das mais importantes cidades brasileiras. De fato, numerosas cidades, de Norte a Sul do País, deram o nome de Silva Jardim a ruas, praças ou avenidas. Não sei de nenhuma, contudo, que lhe tenha consagrado uma estátua ou simples herma. A própria cidade de Campinas, que sempre se orgulhou de ter sido um dos grandes focos da propaganda republicana, e onde Silva Jardim várias vezes esteve, e cujas ruas ostentam nomes de grandes propagandistas, só há pouco redimiui sua omissão relativa a Silva Jardim, aliás por proposta da autora do presente trabalho, devidamente acolhida pela municipalidade.

Com raras exceções, os escritos dos propagandistas, quase todos de ocasião, peças circunstanciais, não fizeram jús a reedições. E as publicações originais, quer avulsas, quer em jornais e revistas, são de acesso difícil ao comum dos leitores. A autora sentiu de perto a dificuldade. Para o que Silva Jardim escreveu, ou pelo menos o que ela conseguiu encontrar, a fim de proceder à exegese pertinente dos textos e até à crítica diplomática de muitos deles, teve que se valer de bibliotecas especializadas (quase sempre na seção de obras raras) de arquivos e de coleções particulares. Escrevesse-o hoje, seu trabalho seria mais facilitado graças ao magnífico volume publicado por Barbosa Lima Sobrinho sob o título **Propaganda Republicana**, reunindo discursos, opúsculos, manifestos e artigos, coligidos, prefaciados e anotados pelo ilustre acadêmico e ensaísta (Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura/Casa de Rui Barbosa, 1978). Mas, seu livro sofreu do mal das publicações oficiais. Não sendo vendido nas livrarias, poucos a ele tiveram acesso. Todavia, é a grande contribuição de que se dispõe para o conhecimento das fontes relativas à obra do ilustre propagandista, capaz de tirá-lo do esquecimento a que se referiu. Tal como o livro que tenho a honra de prefaciá-lo, para o qual a autora utilizou todas as fontes que conseguiu encontrar, analisando-as com o mais seguro espírito crítico e com critério e discernimento, sem os quais o mais rico manancial de documentos não passaria de letra morta.

Odilon Nogueira de Matos